

A dívida externa cai 0,5%. Agora é 'só' de US\$ 99,2 bilhões

AGÊNCIA ESTADO

A dívida externa registrada do Brasil somou, em março último, US\$ 99,258 bilhões, com uma queda de 0,5% em reação ao estoque da dívida existente em dezembro de 1984 — divulgou, ontem, o Banco Central através do seu "Informativo Mensal" de novembro. Essa queda do endividamento brasileiro ocorre em função do não-recebimento, pelo País, de mais empréstimos dos bancos e, em contrapartida, só paga a estes mesmos bancos os juros semestrais do estoque da dívida.

Por modalidade das taxas de juros, segundo o BC, verificou-se uma ligeira elevação na parcela contraída a taxas flutuantes (de 78,3% para 78,5%), no idêntico período de comparação. Isso ocorre porque aumentaram de 14,8% para 15,1% os recursos contratados na base da **prime rate**, que é a taxa de juros vigente no mercado financeiro dos EUA. Por outro lado, os recursos tomados pela **libor** (de Lodnres) e por taxas fixas tiveram menor participação.

O BC informou também que entre março de 1984 e março de 1985 os investimentos estrangeiros no País aumentaram em apenas US\$ 215 milhões, elevando o estoque de US\$ 23.009, bilhões para US\$ 23,224 bilhões. Um total de 74,9% dos investimentos dirigiram-se para o setor industrial, enquanto os serviços ficaram com 19,3% e o setor primário com 3,9%.

REFORMA

O vice-presidente da Associação

Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, disse ontem, em Porto Alegre, que o presidente José Sarney deve iniciar já a reforma de seu Ministério, e não esperar até fevereiro, porque o País está em dificuldades, exige reformas imediatas e o Executivo precisa ter "suas próprias ferramentas" para executá-las. Para ele, se novembro e dezembro não fossem meses historicamente atípicos, a projeção dos índices inflacionários do período sobre o ano que vem resultaria num acúmulo de 300% de inflação nos próximos 12 meses, o que seria "assustador". Neste sentido, argumentou que a previsão do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, de um índice de 160%, "pode parecer utópico". Vellinho acredita que a inflação de 86 poderia ser igual à deste ano, mas observou que tem confiança no ministro Funaro e que, se ele está anunciando 160%, deve ter forte embasamento para fazê-lo. O empresário prefere conhecer antes as razões do ministro para depois dar uma opinião definitiva.

Admitiu, no entanto, que o índice de inflação divulgado pelo IBGE para os primeiros dias de dezembro é "preocupante" e acrescentou que não é só a incontinência dos gastos públicos não resolvida que está causando esta elevação, mas também um fenômeno de demanda estimulado pelas reposições salariais reais ocorridas nos últimos meses, em torno de 14 e 15%.